

# CONHECENDO AS COMUNIDADES INDÍGENAS NA VIDA REAL

---

## **Roseli Bernardo Silva dos Santos**

Mestre em Ciências da Educação Superior, Especialista em Metodologia do Ensino Superior Licenciada em Geografia, Bacharel em Antropologia e Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET-RR, nas áreas de Ciências Humanas e Sociais.

## **Gisela Hahn Rosseti**

## **Marcelo Calixto Mineiro**

## **Rogério Uchôa Martins**

## **Tiago Cândido Brito de Santana**

Acadêmicos do curso de Licenciatura Plena em Educação Física do Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET-RR e Pesquisadores do grupo "UAILÃ" pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

## RESUMO

O presente relato de experiência busca trazer informações diversas a respeito de algumas comunidades indígenas visitadas pelo grupo de pesquisa Uailã. Por meio de pesquisa e observações a atual realidade de cinco malocas é apresentada, a fim de mostrar e conhecer um pouco mais do nosso Estado e propiciar outros estudos na área.

## PALAVRAS-CHAVE

Comunidades indígenas. Etnia. Macuxi. Wapixana.

## ABSTRACT

*The present experience report aims to bring several information about some indigenous communities visited by the research team known as Uailã. The current reality of the five small villages by means of research and observations are presented in order to show and know a little more about our State and provide other studies in the area.*

## KEYWORDS

*Indigenous communities. Ethno. Macuxi. Wapixana.*

## COMUNIDADES INDÍGENAS DA REGIÃO DO TAIANO

Na região do Taiano, situada no município de Alto Alegre, encontram-se as comunidades Barata, Livramento, Pium, Anta I, Anta II, entre outras, onde foi realizada a pesquisa do projeto Uailá. Este foi elaborado por professores de Educação Física e uma antropóloga do Centro Federal de Educação Tecnológica CEFET-RR, com a colaboração de acadêmicos do curso de Educação Física da mesma instituição. O projeto teve como metas: realizar um levantamento de dados para detectar a incidência de pessoas com deficiência nas comunidades indígenas e os matriculados nas escolas da comunidade; elaborar um estudo científico com os resultados obtidos para fins de utilização pelas organizações que administram e trabalham em favor das comunidades indígenas de Roraima e também para que possa servir de base para os acadêmicos do Curso Superior de Licenciatura em Educação Física do CEFET-RR, no módulo de Educação Especial, entre outras.

### CARACTERIZAÇÃO GERAL

Essas comunidades apresentam como organização política institucional o tuxaua e o vice-tuxaua. Estes representam os interesses de suas comunidades e organizam, junto aos chefes de família e professores, as reuniões comunitárias para a tomada de decisões gerais. Durante as reuniões observamos discussões sobre atividades econômicas, divisão do trabalho, educação, política e questões agrárias.

As comunidades indígenas do Estado de Roraima têm como principal líder a figura do Tuxaua, que exerce importantes funções em termos políticos. Observa-se que sua liderança volta-se, principalmente, para a discussão da questão territorial, econômica e educativa. (SANTOS, 2006: 118)

Em cada maloca indígena há um malocão onde são realizadas as reuniões, festas e demais atividades culturais. As moradias são, em sua maioria, de adobe e cobertura de palha, com piso batido. Não é comum encontrarmos camas nas casas. Os banheiros estão sempre a alguns metros de distância das moradias. Estes elementos estão presentes na cultura, pois se trata de uma forma mais higiênica do ponto de vista das etnias e prática que tem se mantido com propriedade na cultura regional.

A cultura é a criação coletiva de idéias, símbolos e valores pelos

quais uma sociedade define para si mesma o bom e mal, o belo e o feio, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o puro e o impuro, o possível e o impossível, o inevitável e o casual, o sagrado e o profano, o espaço e o tempo. A Cultura se realiza porque os humanos são capazes de linguagem, trabalho e relação ao tempo. A Cultura se manifesta como uma vida social, como criação das obras de pensamentos e da arte, como vida religiosa e vida política. (CHAUÍ, 1997: 50)

Tendo a cultura como resultado da criação coletiva, a relação dos indígenas com a terra também se configura de forma a atender os interesses da família. Em geral, vivem da agricultura familiar, tendo como produto de cultivo principal a mandioca, a qual serve para troca por outros produtos ou para venda, é utilizada para fabricação de diversos alimentos (beiju, caxiri, tapioca, goma, farinha, pé-de-moleque etc). As atividades de troca estão presentes no processo de relações interculturais, que ao longo do tempo vêm se mantendo como elemento necessário entre os grupos étnicos.

As relações interculturais avançam com maior intensidade entre os povos e grupos étnicos, então há uma dinâmica ativa da troca de valores sem perder ou esquecer elementos presentes em uma dada cultura. Pois, os grupos étnicos assimilam e incorporam valores numa relação de intercâmbio, proporcionando alteridade cultural entre si. (SANTOS, 2006:119)

Como atividades secundárias tem-se a caça, a pesca e a criação de animais para subsistência (gado e aves). Com relação à alimentação, verificamos uma forte influência do branco, modificando seus costumes. Introduziram-se produtos industrializados como frango, produtos enlatados e etc., adquiridos na cidade mensalmente.

Quanto ao ensino, é comum haver um local próprio ou improvisado, de forma que observamos escolas com boas estruturas e em outras comunidades a utilização do malocão para as aulas. Nas malocas onde não tem escola há o uso do transporte escolar no deslocamento dos alunos para outras comunidades.

Quanto à língua, houve uma grande perda de signos já que somente os mais velhos conhecem e falam a língua materna de sua etnia. Em todas as comunidades o português é a língua compreendida e falada, o fenômeno

é decorrente do processo de colonização implementado em todo Brasil.

Assim como os demais europeus, os portugueses, quando chegaram ao continente americano, estranharam os povos que encontraram. A língua, os costumes, a nudez, e a organização social dos povos indígenas não correspondiam ao que eles conheciam. [...] O processo de ocupação colonial iria alterar toda a realização cultural e demográfica original, composta por essa incrível variedade de populações indígenas. (MORAES, 2005:138-9)

Com relação às moradias, são unifamiliares. As comunidades maiores apresentam características de vila ou povoado, já as menores residências ficam distantes umas das outras. Em geral, as famílias são monogâmicas, nas quais os homens trabalham na roça e as mulheres, além de trabalhar na roça, cuidam da casa (filhos, animais domésticos, plantas etc.).

Verificamos tanto a presença da Igreja Católica quanto da Igreja Evangélica, sendo a maioria das comunidades católicas. Neste sentido, enfatiza-se a análise de Sampaio, apud CIDR<sup>1</sup> (1989:09) que diz que a política

que empregaram os portugueses no descobrimento das vastas regiões desta parte da América, foi conhecer as nações e propor-lhes logo a sujeição portuguesa e a religião catholica. Para este fim formaram aldeãs, que entregaram aos missionários, quando estes não foram os auctores das mesmas.

É costume das famílias indígenas serem receptivas com os visitantes. Sempre convidam para entrar em suas moradias e oferecem alguma bebida (caxiri, água ou café). Dispensam atenção quanto às perguntas e informações, porém esperam a indagação para poderem falar algo.

Nas comunidades maiores há energia elétrica fornecida por geradores que as abastecem por determinado horário. A água é geralmente retirada de poços artesianos, não há esgoto sanitário e não existem banheiros (com pia, chuveiro, vaso sanitário etc.), utilizando-se as patentes.

## DIFERENÇAS “INCORPORADAS” PRESENTES E RECENTES

Apesar das características em comum das malocas indígenas, existem, em

todas, certas peculiaridades. Entre essas, destaca-se a comunidade da Barata que se assemelha a um povoado não-indígena bem estruturado, tendo seiscentos e cinqüenta habitantes divididos em cento e setenta famílias. Há uma lanchonete, um hospital de pequeno porte com atendimento odontológico, enfermaria e sala de parto. A escola disponibiliza todos os níveis da Educação Básica e Educação de Jovens e Adultos, atendendo, em média a trezentos e sessenta e cinco alunos e trinta funcionários; destes, dezoito são professores. Há água encanada, retirada de dois poços artesianos; já nas casas próximas ao igarapé, retiram água do mesmo. Há um clube de mães, um grupo de bandeirantes e um de jovens. Apresenta casas de alvenaria, madeira e palha, com piso batido ou queimado. As coberturas são de palha de buriti, telha de amianto, barro ou cavaco. Vimos ainda algumas casas de alvenaria em construção. Em algumas casas há fogão a gás e antena parabólica. Utilizam como meios de transporte bicicletas, motos e carros próprios. Existe grande influência dos brancos vindos do nordeste. A etnia predominante é a Wapixana, tendo a presença Macuxi e ainda a dos não-índios. Observamos cinco pessoas com deficiência, sendo quatro do sexo masculino: três têm entre vinte e dois e vinte e seis anos e dois com quinze anos de idade. Todos estudam em classe especial e participam das aulas de Educação Física.

Na comunidade do Livramento a população é de cinqüenta e três pessoas distribuídas em doze famílias. Não há galpão comunitário. São encontrados aparelhos eletrônicos na escola e em algumas casas. Utilizam como meio de transporte ônibus para acesso a lugares distantes e bicicletas para locomoção na própria comunidade. Existe uma escola de primeira a quarta série e um posto de saúde. As etnias presentes são a Wapixana e a Macuxi, sendo a última predominante.

A maloca do Pium apresenta um posto de saúde feito de adobe e coberto com palha de buriti, onde funciona uma telefonia. Sua população é de duzentas e dez pessoas, em um total de cinqüenta e seis famílias. A igreja que há é católica, porém existem índios evangélicos. Dispõe de uma escola estadual em que estudam cento e quarenta e um alunos. Existe um poço artesiano que abastece a casa do tuxaua, o posto de saúde, a escola e os arredores. Bicicletas, motos e ônibus (dois fazem o trajeto para Boa Vista) são os meios de transporte. No centro e nas adjacências da comunidade é de praxe o uso de aparelhos eletrônicos. As etnias do Pium são Wapixana, Macuxi e Saporá. Algumas famílias do grupo Saporá, residentes nesta maloca, são de linhagem matrilinear. Observamos que a indígena mais idosa desta etnia (noventa e oito anos), ainda fala a língua Saporá. Destacamos a singular presença de indígenas desta etnia, que por algum tempo foi considerada já desaparecida. A língua wapixana sobrevive por meio dos mais antigos. Na comunidade existem dois deficientes que freqüentam a escola, um



Figura 1  
Mapa de pontuação das comunidades pesquisadas

mental e outro físico.

Na comunidade Anta I, além de existirem casas de alvenaria ou adobe, encontram-se casas de madeira. Quanto ao lazer, existem dois campos comunitários, um de vôlei e outro de futebol. A água é retirada de poços artesianos (um deles construído pela Fundação Nacional de Saúde) e armazenada em caixas de água. No transporte utilizam bicicletas, motos, carro e ônibus (de linha). Um gerador de pequeno porte abastece a comunidade. Nas moradias encontram-se aparelhos eletrônicos e, na maioria delas, há antena parabólica. Tem um posto de saúde, o qual um médico visita uma vez por mês. Nesta comunidade não há telefone. Observamos uma criança de cinco anos com deficiência física. As etnias presentes são a Macuxi e a Wapixana.

Em Anta II, a comunidade é composta por setenta e oito pessoas, distri-

buídas em vinte e uma famílias. As moradias são pequenas e solitárias, distantes umas das outras. Ao redor destas casas encontram-se diversos tipos de árvores frutíferas e, em poucas, há o cultivo de hortaliças para subsistência. A escola é multiseriada, tendo onze alunos de primeira a quarta série e treze no terceiro período. Não há Educação Física. Utilizam bicicletas como meio de transporte. Não tem energia elétrica e retiram água de cacimba. Observamos duas pessoas com possível deficiência mental, uma de oito e a outra de catorze anos, as duas fazendo a primeira série. Esta comunidade é formada pelas etnias Wapixana e Macuxi.

Na maloca do Morcego residem noventa e quatro indígenas divididos em, mais ou menos, quinze casas. Não tem energia elétrica. Usam fogão a gás e verificamos que utilizam painéis de alumínio. Trabalham na roça e a produção vai para Boa Vista (Feira do Produtor). Existe uma igreja católica e uma evangélica. Há um posto de saúde com um agente de saúde. A escola é municipal e atende dezessete alunos. Há um transporte escolar, que leva os alunos para a comunidade da Serra da Moça, matriculados na turma de EJA, no período da noite. Não existem alunos deficientes matriculados na escola, porém na comunidade foram identificados dois, um mental e um físico. A maioria dos idosos não fala mais a língua materna, todos são miscigenados, Macuxi e Wapixana.

Truaru da Serra é uma comunidade indígena sem energia elétrica. A população é de cento e catorze indivíduos e em cada moradia vivem de cinco a dez pessoas. Esta maloca pertence ao grupo maior da comunidade Serra da Moça, que veremos adiante. Há um trator comunitário, um micro-ônibus para levar os alunos para a escola e a maioria das famílias tem carro próprio. A escola desenvolve um trabalho em que os mais habilitados da comunidade ensinam a língua materna, o artesanato e a dança do parixara. Encontramos quatro deficientes, um visual, dois físicos e um mental, estes não freqüentam a escola. Há uma igreja evangélica e uma católica. Produzem frutas, verduras e farinha, que são levados para Boa Vista, para serem comercializados. Estão presentes as etnias wapixana e macuxi, miscigenados.

A comunidade indígena Serra da Moça tem trinta e seis casas, algumas de alvenaria. Há um orelhão público comunitário que serve para as três comunidades (Serra da Moça, Truaru da Serra e Morcego). Produzem hortaliças para vender em Boa Vista. A energia elétrica funciona das dezoito às vinte e três horas por meio de um motor, mas atende apenas ao posto médico, às casas de apoio e à escola. Esta é estadual e bem estruturada, com primário, ensino médio e Educação de Jovens Adultos - EJA (o EJA atende às três comunidades já citadas). Na escola há água encanada e existem sanitários. Na comunidade existem duas igrejas, uma evangélica e outra católica. No que se refere à cultura das etnias, a comunidade

Serra da Moça está comprometida, pois a língua não é mais falada nem pelos mais velhos. A maioria dos índios é da etnia wapixana, havendo também a macuxi. Existem duas pessoas deficientes, uma mental, que está matriculada na escola e integrada na classe e outra física, uma senhora de oitenta e sete anos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de observação e contato com as comunidades étnicas da Barata, Livramento, Pium, Anta I, Anta II, Morcego, Truaru da Serra e Serra da Moça proporcionou um conhecimento sobre a vida real dos moradores e também grandes mudanças durante o processo em nossos olhares diante destes povos.

Hoje sabemos que muitos elementos da cultura têm contribuído para fortalecer os movimentos sociais dos povos indígenas. Esses grupos têm representatividade de nações compostas de líderes dentro de uma estrutura com verdadeira democracia, pois tornam-se um modelo de organização social e política nos padrões de um socialismo real, em um mundo cujos valores estão voltados para o capitalismo. Portanto, os grupos que foram investigados são remanescentes dos primeiros habitantes da América. Neste sentido, concebemos como grupos de resistência às injustiças do sistema vigente.

## REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- CENTRO DE INFORMAÇÕES DA DIOCESE DE RORAIMA . **Índios de Roraima**. Boa Vista, Roraima: Coronário, 1989.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. **História geral e Brasil**. São Paulo: Atual, 2005. Volume Único.
- SANTOS, Roseli B. Silva dos. **Escolas indígenas em Roraima: processos interculturais**. Revista Norte Científico. Boa Vista-RR. v.1, n.1, 2006.

## NOTAS

1. CENTRO DE INFORMAÇÕES DIOCESE DE RORAIMA